

LÁGRIMAS DE RUDÁ

O folclore nacional é riquíssimo em mitos, lendas, usos e costumes. Mas, apesar disto, tradições populares brasileiras ainda carecem de mais interesse e de melhores estudos, posto que continuam perdendo terreno para manifestações que não são de cunho nacionalista. Basta verificarmos que nos finais dos meses de outubro de cada ano disseminam por aqui o “halloween”, modismo que conta com o reforço do comércio, da mídia e de muitas escolas, em detrimento de ações mais favoráveis a mitos nacionais, tais como o Boitatá, Saci-Pererê e outros; esta é uma análise desprovida de xenofobia, mas presumo que a continuar assim os nossos mitos caminharão para o esquecimento, já que as alienígenas bruxas, os duendes e os gnomos vão massacrando o folclore brasileiro.

Falando daquilo que é mais da terra sul-americana e/ou tupiniquim, creio que uma das mais importantes lendas é a de Tupã, o deus Trovão realizador de toda a criação. Contam que com a ajuda da deusa Aracy ou Jacy (a lua), Tupã criou tudo o que existe. Assim, quando os portugueses chegaram ao Brasil, já encontraram diversos grupos indígenas. Aqueles gentios eram os chamados de “Tupis-Guaranis”. Os Tupis habitavam a faixa litorânea e um pouco mais para o interior dela, de São Paulo até o Ceará; os Guaranis predominavam na região da bacia dos rios Paraná e Paraguai e na costa meridional do país. Mas os Tupis e os Guaranis eram grupos diferentes e, quase sempre, inimigos uns dos outros. Entre as duas nações havia diferenças culturais e de localização territorial.

Desta forma, acredito que quando usarmos a expressão “tupi-guarani” devemos ter a consciência que estamos nos referindo a uma grande família que congrega nações e línguas indígenas sul-americanas; então, devemos entender que o Tupi é uma língua e que o Guarani é outra; portanto, não devemos dizer que há uma “língua tupi-guarani”, pois o termo refere-se genericamente a uma família de línguas, e não a uma língua específica. No Paraguai, a língua Guarani foi mantida oficialmente em conjunto com o castelhano, além de o Guarani ser também a moeda oficial. O Tupi ficou conhecido como a “língua geral”, ou seja, a língua mais usada na costa brasileira, lentamente sacrificada pelo português lusitano trazido pelo colonizador. De resto, sobrou-nos o Nheengatu, a “língua boa” também conhecida como “tupi moderno” e que ainda faz parte do dia-a-dia da

população cabocla do interior amazônico, além de ser a língua co-oficial do Município de São Gabriel da Cachoeira - AM.

Estas notas preliminares servem apenas como preâmbulo para a apreciação da lenda das “Lágrimas de Rudá; na mitologia tupi, Rudá é o deus do amor, aquele que vive nas nuvens e tem a missão de despertar o amor dentro do coração dos homens e das mulheres, entidade também relacionada com o egípcio deus Hórus e o deus Shiva dos hindus. A matéria que doravante transcreverei é a versão indígena que explica a criação do Córrego do Lenheiro, histórico curso d’água que atravessa a cidade de São João del-Rei. A lenda que vai aqui transcrita é parte integrante do livro “Visita à colonial cidade de São João del-Rei”, da autoria do prof. Antônio Gaio Sobrinho (Ed. do autor, 1999, pág. 122-123). Com esta reprodução, homenageio o escritor através de quem primeiro fiquei sabendo da existência da lenda, a qual, há anos, depois de uma dura e agradável caminhada, foi recontada para mim e minha irmã Ana Maria, quando estávamos bem aos pés daquelas inscrições rupestres que ornamentam os rodapés dos mais altos espigões da Serra do Lenheiro. Eis a formidável narrativa:

“Rudá, deus do amor, vigiava a caiçara, onde as ocas, em festa, celebravam, naquele ano, a fartura das colheitas. No encerramento das solenidades, as promessas de vida da tribo seriam renovadas pelas núpcias de sua juventude, cujos pares aguardavam alegres o momento final dos festejos, a hora tão esperada do Amor. Chegado o último dia das grandes cerimônias, eis que as virgens casadoiras da tribo desceram a banhar-se para seus noivos nas águas do Grande Rio que cortava longe, avolumado já das primeiras chuvas. Seguiam-nas à respeitosa distância, à espera da própria vez de também se lavarem, os noivos amados que se iniciavam, a um tempo, nas artes da guerra e do amor. Mas o Rio, traiçoeiro e profundo, transbordou de repente e envolveu as infelizes jovens nas suas águas redemoinhas, rolando com elas no vórtice da correnteza, várzea abaixo. Os jovens guerreiros e enamorados, presenciando a dantesca tragédia, acorreram pressurosos a seus gritos, lançando-se nas águas túrbidas do caudaloso Rio, buscando debalde salvar suas amadas noivas. Os braços gigantes do Rio levaram também a eles para os tenebrosos reinos da morte inevitável. Nunca foram tão tristes as colheitas, na taba dizimada e enlutada. Aquele que era para ser um dia de risos e esperanças e alegres promessas de vida fechou-se trágico e lutuoso para todos. E, sob o firmamento estrelado da noite linda, a tristeza envolveu a tribo num

manto de solidão e dor. Rudá, impotente naquele transe, não se conteve de emoção e chorou uma lágrima de tristeza e saudade. Tupã, que tudo vira, comoveu-se também e eternizou esta lágrima divina em límpido e manso regato, aonde viesse a tribo beber e onde pudessem as suas virgens, para o futuro, banhar-se, prazerosas e sem perigo. E desde então aquela sentida lágrima de ternura e amor, como um presente divino, rolou pela serra abaixo, num leito de areia branca sobre o qual as flores silvestres vinham tombar suas hastes em terna e perfumada reverência. Rolou silenciosamente para permanecer eterna, reunindo-se de outras fontes e deslizando com elas, sem pressa, levando as pétalas das flores e o perfume das virgens índias que lhe vinham receber o beijo ameno e a carícia macia de suas águas em troca do suave contato de seus lindos corpos.”

Com este relato, percebemos como os índios acreditavam nos deuses Tupã e Rudá, os quais derramavam bênçãos por sobre a terra que tanto amavam, afeição que se percebe deficiente em muitos de nós, os são-joanenses dos séculos XX e XXI. No ano de 1999, eu publiquei em jornais locais uma crônica que tratava da lenta agonia do Córrego do Lenheiro. À época eu argumentava que uma relíquia do patrimônio natural são-joanense estava na UTI e que, nos nossos quase 300 anos de história, a poluição do córrego vinha se agravando cada vez mais: degradamos a natureza, construímos aterros, permitimos a invasão de suas margens, desmatamos a sua nascente, mudamos o seu curso original, diminuímos-lhe os níveis de oxigênio, descartamos muito lixo dentro do seu canal e eliminamos grande parte da sua fauna e flora... Os córregos do Rio Acima, Água Limpa e Águas Férreas, seus afluentes, sofreram (e sofrem) cada vez mais semelhantes males; os nossos esgotos estavam (e continuam) sendo jogados no Córrego, “in natura”, poluindo também o Rio das Mortes.

Metafraseando o francês André Gide, reafirmo que *"todas essas coisas já foram ditas; mas como ninguém ainda as escutou, torna-se sempre necessário voltar a dizê-las."* Naquela crônica, usei o seguinte preâmbulo: *"Por fim, a nossa água ainda escorre cada vez mais suja, a História segue o seu curso e com um prazer cada vez maior, parece que nós, modernos Pôncios Pilatos, continuamos a lavar as nossas mãos..."*. Por estar tudo como d'antes é que repito o alerta aqui, agora na forma de epílogo, com a esperança de que dias melhores possam estar reservados ao histórico ribeirão que os aborígenes acreditavam ser originário de uma lágrima de Rudá, eternizada por Tupã!

José Antônio de Ávila Sacramento
www.patriamineira.com.br



Vistas do Córrego do Lenheiro – Fotografias de José Antônio de Ávila Sacramento



São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil